

Studiorum

Josué Pereira da Silva

Introdução

Este memorial incorpora em seu início o texto base do memorial anterior que apresentei quando do concurso de efetivação na UNICAMP. Começo-o falando um pouco de minha vida profissional pré-acadêmica; falarei aqui, porém, apenas de forma breve; para os interessados em uma descrição mais detalhada de minha trajetória pré-acadêmica, sugiro a leitura do texto autobiográfico que escrevi para o livro *Os filhos de dona Silva*.¹ Talvez este período de minha vida não seja, aos olhos de alguns, relevante para o que eu faço atualmente; creio, no entanto, que o que faço hoje certamente resultou de decisões tomadas anteriormente.

Atividades profissionais pré-universidade

Minha vida profissional começou muito cedo. Antes de ingressar na Universidade de São Paulo para estudar Economia, em 1974, eu já tinha passado por diversos empregos, desde os treze anos de idade quando cheguei a São Paulo, vindo de Jequié, Bahia. Entre os empregos que tive antes de me tornar estudante de Economia estão: aprendiz de torneiro mecânico na fábrica de máquinas de costura Leonam, "office-boy", balconista de pastelaria e de bar, engraxate, entregador de livros, auxiliar de estação nas Estradas de Ferro Santos-Jundiaí e monitor no MOBREAL.

Em alguns desses empregos (bares e pastelarias), onde trabalhei quando tinha entre quinze e dezessete anos de idade, a jornada de trabalho diária era de doze horas. Creio que esse tipo de experiência acabou, pelo menos em parte, influenciando algumas das minhas escolhas temáticas posteriores.

¹ Ver o capítulo 6, "Josué", in Josué Pereira da Silva (org.), *Os filhos de dona Silva*, São Paulo, Annablume/Barcarola, 2005, pp. 223-273.

Os primeiros quatro anos da década de 1970, quando trabalhava nas Estradas de Ferro Santos-Jundiaí (dois anos e meio) e como monitor de MOBRAL (um ano e meio), foram cruciais para mudar o curso da minha história de vida. Quando me tornei ferroviário em fevereiro de 1970, portava apenas um certificado de conclusão da quarta série (antigo curso primário), conseguido no SESI (Serviço Social da Indústria) em dezembro de 1968. Foi então que, em 1970, decidi ingressar num curso supletivo (na época chamava-se madureza).

O trabalho na bilheteria da Estação da Água Branca, em São Paulo, deixava-me, sobretudo nas horas sem grande movimento de passageiros, longos períodos de tranqüilidade que aproveitei para estudar. Dois anos e meio depois, quando já estava concluindo o curso de "madureza colegial" (atual supletivo segundo grau), fiz concurso para Monitor do MOBRAL e deixei o emprego de ferroviário. Em termos financeiros, eu ganhava menos no trabalho de monitor do MOBRAL do que no emprego anterior, mas tinha muito mais tempo para estudar.

Nessa mesma época freqüentei, durante um ano, um curso preparatório para o vestibular no Equipe Vestibulares, onde consegui, num concurso, uma bolsa de estudos que me permitia pagar apenas 30% do valor das mensalidades. Com isso consegui passar no vestibular para o curso de economia (diurno), USP, em 1974. Neste mesmo ano, deixei o emprego de monitor do MOBRAL para ser estagiário de economia.

A Faculdade de Economia

Logo que entrei na faculdade, comecei a me interessar pelo movimento estudantil, que então começava a renascer depois do refluxo iniciado no final dos anos 1960. Por essa razão, decidi, em 1975, prestar novamente o vestibular para Economia, desta vez para freqüentar o curso noturno, período no qual a participação política dos estudantes era mais intensa. Tive que prestar novamente o vestibular porque, nessa época, a faculdade não aceitava transferência do diurno para o noturno.

Faço menção ao meu envolvimento com a militância política durante o tempo de estudante porque ela contribuiu, de um lado, para aumentar o número de anos que levei para me formar; mas, de outro, contribuiu para ampliar minha formação política e cultural, sobretudo numa época em que o curso de Economia era excessivamente fechado para novas abordagens. A militância política também contribuiu para despertar

minha vontade de conhecer outros países, outras culturas, assim como serviu de impulso para eu querer aprender outras línguas. Por isso, ingressei na Aliança Francesa, onde estudei de 1977 a 1982; e na Cultura Inglesa, onde estudei de 1982 a 1987. Já tinha aprendido a ler espanhol recorrendo às traduções de textos marxistas durante os anos 1970 quando era militante político; mais tarde, também cheguei a estudar alemão por um tempo, devido ao meu interesse por teoria crítica.

Durante todo o tempo de estudante na FEA - USP, trabalhei como estagiário (auxiliar de pesquisas) na FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Como estagiário da FIPE, trabalhei dentro da própria Fundação, assim como na Secretaria de Finanças do Município de São Paulo e na Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, através de convênios entre a FIPE e as mencionadas Secretarias.

Atividade profissional como economista

Formado em Economia, fui trabalhar no Banco Itaú. Lá, durante dois anos e meio, minha atividade básica era produzir estudos - "papers" - sobre diversos setores da economia brasileira, além de dar assessoria econômica ao Departamento de Suporte à Análise de Crédito. Durante o período que trabalhei no Banco Itaú, escrevi 23 "papers", que somados chegam a quase 400 páginas, sobre diversos setores da economia brasileira; entre os setores sobre os quais escrevi estão as indústrias têxtil, automobilística (montadoras e auto-peças), siderúrgica, de energia elétrica, de construção civil, cerâmica, além de agricultura, cooperativas, empresas de "leasing" e frigoríficos. Essa atividade foi muito importante na minha formação profissional, pois a responsabilidade pela elaboração dos estudos era inteiramente minha, desde a coleta das informações até a elaboração do texto final. Além do treino em pesquisa e redação de textos, ela contribuiu também para me dar segurança na recém-adquirida profissão.

Trabalhar no Banco Itaú foi uma experiência importante para mim, mas de forma alguma foi o emprego dos meus sonhos. Não estava nos meus planos: usar gravata, vestir a camisa da empresa, ter um "chefe" medíocre ameaçando descontar pontos na minha avaliação semestral por chegar seis minutos atrasado. Não foi para isso que tinha estudado tanto. Aliás, a cada dia que passava, crescia em mim a convicção de que a universidade era o lugar onde eu queria estar. E por isso, apesar dos alertas de alguns amigos sobre os riscos de deixar um bom emprego numa conjuntura de recessão,

em agosto de 1983 decidi sair do banco e estudar para prestar os exames para o mestrado em História, na UNICAMP. Começou aí uma segunda guinada na minha história de vida.

O Mestrado em História na UNICAMP

A decisão de fazer mestrado em história na Unicamp se deu por várias razões. Uma delas foi o meu descontentamento com as análises de viés economicista então predominantes. Embora gostasse de economia como uma disciplina, eu não me satisfazia com as abordagens que atribuíam excessiva importância à determinação econômica dos eventos sociais. Aliás, essa crença no poder determinante da economia era compartilhada tanto pelo marxismo das principais correntes políticas do movimento estudantil quanto pela tecnocracia que geria a política econômica no Brasil naquela época. Uma segunda razão era o fato de o programa de mestrado em história, da UNICAMP, aceitar candidatos com formação em outras disciplinas. Cheguei a pensar em sociologia ou ciência política, mas a forma de seleção utilizada pelos programas de mestrado nestas disciplinas na USP daquela época dificultava o ingresso de candidatos com formação em outras disciplinas. Por fim, fazer o mestrado era uma etapa necessária para conseguir uma bolsa de estudos para fazer o doutorado em outro país e realizar o antigo sonho de viver por um tempo em um país estrangeiro.

O mestrado em história foi uma ótima experiência. Ali encontrei um ambiente apropriado para transformar em projeto de pesquisa algumas inquietações que me acompanhavam há muito tempo. A leitura, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, de alguns textos de ex-militantes de esquerda como Fernando Claudin, Jorge Semprun ou mesmo brasileiros como Leôncio Basbaum e Fernando Gabeira contribuiu para aguçar minha percepção crítica da militância política, que abandonei em meados de 1979. E o contato com os textos de autores como Paul Lafargue, Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Michel Foucault, Paul Veyne, Cornelius Castoriadis, André Gorz e Hannah Arendt contribuiu, por outro lado, para relativizar minha visão sobre alguns cânones do chamado marxismo ortodoxo. Uma experiência marcante para mim, a esse respeito, foi a leitura do livro de Marcuse sobre o marxismo soviético, sobretudo porque eu já conhecia *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Max Weber. Em seu livro, Marcuse chamava a atenção para a sintonia

entre a ética do trabalho estudada por Weber e a glorificação do trabalho na União Soviética, onde a apologia do trabalho era levada ao paroxismo.

Ao olhar retrospectivamente para tudo isso, tenho a impressão que a escolha da jornada de trabalho de oito horas como tema de tese foi, de certa forma, uma tentativa de acertar as contas com o meu passado. O problema que então me incomodava e que se transformou na questão que norteou meu projeto de tese de mestrado era simples: por que a jornada de trabalho de oito horas era considerada normal há mais de meio século? O que teria provocado a interrupção, por volta dos anos 1920, de um movimento sucessivo de redução na duração da jornada de trabalho que vinha desde o início do século dezenove? Qual era “magia” das oito horas? Depois de explorar a bibliografia disponível que encontrei sobre o tema, fui buscar resposta para minha questão na própria história da luta pela redução do tempo de trabalho. Ou seja, pesquisei os discursos daqueles que estavam diretamente envolvidos no processo histórico que levou à regulamentação da jornada de trabalho de oito horas no Brasil. O trabalho de pesquisa em si foi muito prazeroso. E seu resultado encontra-se em meu livro *Três Discursos, Uma Sentença: tempo e trabalho em São Paulo, 1906-1932*, publicado em 1996, pela editora Annablume, com apoio da FAPESP.

Ainda durante o mestrado, tive duas outras atividades. Lecionei história econômica durante um ano (1985) no curso de economia das Faculdades Oswaldo Cruz e trabalhei (de abril de 1986 a junho de 1987) numa pesquisa sobre a formação do mercado de trabalho no Brasil, financiada pela Guggenheim Foundation. Na mesma época, comecei a trabalhar para viabilizar o doutorado nos Estados Unidos.

O Doutorado na New School for Social Research

E em agosto de 1988, um mês depois de defender a tese de mestrado, viajei para New York, iniciando com isso uma nova etapa em minha tortuosa trajetória. Sob vários ângulos, o doutorado nos Estados Unidos constituía-se num desafio para mim. Antes disso, eu nunca tinha saído do Brasil sequer como turista. Conheci, aqui no Brasil, duas pessoas que tinham estudado economia na New School, uma universidade que apostava na interdisciplinaridade. Por outro lado, a idéia de morar em New York me fascinava. Era uma combinação que me atraía. Mas a New School não tinha um doutorado em História, tinha apenas um Comitê de Estudos Históricos que complementava os

programas de doutorado. Eu não tinha certeza se seria aceito nos programas de sociologia ou de ciência política, por isso candidatei-me a uma vaga no doutorado em economia. Minha intenção era combinar história e economia num doutorado misto, como aliás fiz no primeiro semestre de curso.

Mas ao perceber que deveria retomar o estudo de disciplinas que não me atraíam muito, como matemática, estatística e econometria, decidi me transferir para o doutorado em sociologia. Eu já tinha familiaridade com sociologia desde o curso de graduação em economia na USP, onde freqüentei todas as disciplinas de sociologia oferecidas aos estudantes de economia. Durante o período do mestrado em história, na UNICAMP, freqüentei também três disciplinas de sociologia nos programas de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP, com os professores Gabriel Cohn, Elizabeth Lobo e Irene Cardoso. Sociologia não era, portanto, uma disciplina estranha para mim.

O doutorado na New School, como em qualquer universidade norte-americana, é uma verdadeira maratona; uma corrida de barreiras, formada por sucessivos obstáculos ou ritos de passagem que o doutorando deve superar: as disciplinas, os vários "papers" ou provas, o "advanced standing"², o exame de qualificação escrito, o exame de qualificação oral, o projeto de tese, a tese.

O programa de doutorado em sociologia da New School era então formado por cinco áreas de concentração: teoria e pensamento social, sociologia política, sociologia histórica, sociologia da cultura e sociologia urbana. Além de cursar as disciplinas básicas obrigatórias para todos os alunos, todo candidato ao doutorado deveria cursar várias disciplinas e fazer os exames de qualificação em pelo menos duas dessas áreas de concentração.

Para cumprir os requisitos do programa de doutorado e me preparar para os exames de qualificação, freqüentei 16 disciplinas (13 matriculado e 3 como ouvinte), distribuídas entre as áreas de teoria e pensamento social, sociologia política e sociologia histórica. Escolhi, para os exames de qualificação, as áreas de teoria e pensamento social e de sociologia política. Passado o exame de qualificação (escrito), comecei a trabalhar no projeto de tese. Quando saí do Brasil, tinha um pré-projeto cujo objetivo era estudar o problema do tempo de trabalho nos debates contemporâneos. Ao iniciar o

² O "advanced standing" consiste basicamente no reconhecimento de um certo número de créditos conseguidos no mestrado em outra instituição. Ele é concedido com base no desempenho do doutorando nas disciplinas já cursadas no programa de doutorado combinado com a qualidade dos conceitos conseguidos no mestrado.

doutorado, porém, percebi que só poderia me preocupar com o projeto de pesquisa depois da qualificação escrita, uma prova teórica com duração de seis horas, que fiz, numa sexta-feira da paixão, em abril de 1991.

Durante o período em que cursei as disciplinas necessárias para completar os créditos, fui aprofundando meu envolvimento com teoria. A maior parte dos "papers" que escrevi para as disciplinas que cursei versava sobre temas teóricos ou autores. Além de textos sobre autores clássicos como Marx, Durkheim, Tönnies, Weber, Simmel e Mead, escrevi também sobre Marcuse, Habermas e Foucault. Esse envolvimento com teoria foi decisivo para que eu escolhesse o trabalho de André Gorz como tema de minha tese.

Os escritos de André Gorz, com os quais eu já tinha certa familiaridade, tinham algumas características que coincidiam com as minhas preocupações intelectuais. Os temas "trabalho" e "tempo de trabalho" ocupavam um lugar central nos livros mais recentes de Gorz e, além disso, sua perspectiva teórica apresentava alguns pontos comuns com as de alguns autores ligados à tradição da Escola de Frankfurt (Marcuse, Horkheimer, Adorno, Habermas e Offe), pelos quais eu me interessava crescentemente. Em seus textos mais recentes, Gorz faz referências explícitas a esses autores, sobretudo a Jürgen Habermas e a Claus Offe. Por outro lado, o conhecimento da língua francesa, um requisito obrigatório para trabalhar com a obra de Gorz, também me facilitava as coisas.

A partir de 1991, passei a trabalhar no projeto, que foi aprovado por uma banca de qualificação em dezembro do mesmo ano. Trabalhei intensamente e consegui terminar a tese em novembro de 1992, marcando a defesa para 17 de fevereiro de 1993. Concluído o doutorado, voltei ao Brasil. No início de março do mesmo ano cheguei a São Paulo, depois de quatro anos e meio fora do país, com o título de doutor em sociologia e à procura de um emprego na universidade.

Ainda no início de 1993 prestei dois concursos para professor de sociologia, um na USP para a área de sociologia do trabalho e outro na UNICAMP que não especificava a área. No primeiro fui aprovado em quarto lugar, mas só havia duas vagas; no segundo, não fiquei entre os selecionados, mas recebi o convite para ingressar no departamento como bolsista recém-doutor. Para tanto, postulei e consegui uma bolsa de estudos do CNPq, que já havia financiado meu doutorado na New School. A bolsa foi concedida inicialmente por dois anos e prorrogada por mais um ano mediante solicitação de renovação.

O projeto de pesquisa com o qual obtive a bolsa recém-doutor do CNPq era sobre a teoria social contemporânea; enfatizava a sintonia entre as mudanças de paradigma na teoria social e os debates sobre a crise do trabalho, manifestada pelas altas e persistentes taxas de desemprego nas últimas décadas do século XX. As referências teóricas principais eram André Gorz, sobre quem escrevi minha tese de doutoramento, e Jürgen Habermas, cuja obra eu li de forma mais ou menos sistemática durante o doutorado.

Atividade docente como bolsista recém-doutor

Iniciei as atividades de pesquisador e docente, como bolsista recém-doutor, no Departamento de Sociologia, do IFCH, UNICAMP, em agosto de 1993 e no primeiro semestre de 1994 comecei a dar aulas, ministrando a disciplina “HZ 454: Tópicos Especiais em Sociologia IV”. Como se tratava de uma disciplina eletiva e era a primeira que eu iria ministrar na UNICAMP, resolvi organizar o programa da disciplina em torno do tema do projeto de pesquisa com o qual consegui a bolsa recém-doutor; seria também uma forma de me apresentar aos alunos.

A ementa que propus então pretendia discutir a relação entre a crise da sociedade do trabalho e o surgimento de novos paradigmas social-teóricos que apontavam para a insuficiência do trabalho como categoria fundamental para as formulações teóricas em sociologia. Além de apontar para os limites da categoria trabalho, a discussão proposta pretendia também abrir perspectivas para uma inteligência mais apropriada da nova agenda teórica e política que se anunciava a partir da década de 1980, com a crise do Estado de bem-estar social e com o fim do sistema soviético; este último simbolizado pela queda do Muro de Berlim em novembro de 1989. Apesar de uma greve na universidade que prejudicou a parte final do curso, a experiência foi estimulante, com o aproveitamento dos alunos tendo sido de maneira geral muito bom. Pelo que pude avaliar pelas manifestações de parte dos alunos, a discussão um tanto heterodoxa proposta por mim parecia consistir numa alternativa à ortodoxia ifichiana em estudos do trabalho; por isso, ao se contrapor às outras posições já consolidadas no Instituto, minhas proposições estimulavam o debate.

No segundo semestre de 1994, ministrei a disciplina “HZ 651: Sociologia do Trabalho”. Nesta disciplina, parti da mesma problemática da disciplina anterior e dividi

a discussão em três partes, que priorizavam respectivamente a relação entre trabalho e sociologia, trabalho e sociedade, e trabalho e cidadania. Ou seja, a discussão versava, inicialmente, sobre o estatuto teórico da categoria trabalho; em seguida, focava sobre os limites do modelo fabril e do trabalhador industrial como base das formações sociais contemporâneas; e, por fim, discutia a relação entre trabalho e cidadania como meios de integração social num contexto de crise do mercado de trabalho. Diferentemente da disciplina anterior que se baseava fundamentalmente no debate contemporâneo, esta última incorporava também temas clássicos da sociologia do trabalho (divisão, ética, processo e tempo de trabalho), assim como autores clássicos como Adam Smith, Émile Durkheim, Max Weber, e Karl Marx. Em ambos os casos havia a preocupação de vincular a discussão teórica com as mudanças de natureza mais empírica.

Em 1995, ainda no primeiro semestre, comecei a dar aulas na pós-graduação, ministrando as disciplinas HS 459 (mestrado em sociologia) e HS 676 (doutorado em ciências sociais). Eram duas siglas, dois tópicos em trabalho e sindicalismo, juntas numa mesma sala, com cerca de trinta alunos. Embora dando continuidade aos temas discutidos nas duas disciplinas ministradas antes, nesta eu priorizei, inicialmente, a discussão sobre a crise da sociedade do trabalho e, em seguida, os desdobramentos teóricos e as proposições políticas que emergiam na agenda contemporânea. Contando entre os alunos com uma platéia politicamente engajada, formada não só por alunos mais orientados academicamente, mas também por muitos militantes políticos e ex-sindicalistas, o curso foi marcado do início ao fim por fortes e estimulantes polêmicas. Em decorrência disso, alguns alunos propuseram que eu ministrasse para eles um curso sobre a Teoria Crítica de Jürgen Habermas, o que fiz no primeiro semestre do ano seguinte.

Mas antes disso, porém, no segundo semestre de 1995, ministrei pela primeira vez a disciplina “HZ 657: Sociologia Contemporânea I”, na graduação em ciências sociais. Para esta primeira incursão na disciplina, preparei uma ementa de perfil mais abrangente ou panorâmico, que discorria sobre as principais correntes da sociologia desde a década de 1930, contemplando, na primeira parte do curso, autores como Talcott Parsons, Alfred Schutz, e Herbert Blumer, além, é claro, de Max Horkheimer e Theodor Adorno. Na segunda parte, a discussão priorizava textos de Michel Foucault, Niklas Luhmann, Alain Touraine, Anthony Giddens e Jürgen Habermas. A chave para a discussão de tantos autores num único semestre foi a noção de “sociedade moderna”, o que envolvia uma reflexão sobre a combinação (ou relação) das categorias “sociedade”

e “modernidade”. Como nos demais, este curso teve uma boa aceitação dos cerca de trinta alunos, que participaram intensamente das discussões durante o semestre e apresentaram trabalhos finais de muito boa qualidade.

A bolsa recém-doutor ia encerrar-se em julho de 1996. Nesse último semestre, ministrei a disciplina “HZ 253: Introdução às Ciências Sociais” para o curso de economia. Como se tratava de uma disciplina para alunos de economia, pensei numa ementa que contemplasse os principais clássicos da sociologia, mas que os abordasse em conexão com o debate de temas contemporâneos, sobretudo os de interesse aos aspirantes a economistas. Assim, dividi o curso em três partes. Na primeira, apresentei uma introdução geral baseada em textos de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber; na segunda, centrei a discussão nos temas do desemprego e das transformações tecnológicas para, em seguida, concluir com a discussão de algumas propostas como redução do tempo de trabalho e renda básica que emergiam como possíveis alternativas à crise de desemprego. No mesmo semestre, para atender à demanda que me foi feita pelos pós-graduandos no ano anterior, ministrei, com a sigla “HS 852: Leituras Dirigidas em Sociologia I”, um seminário sobre a Teoria Crítica de Habermas. O grupo de alunos que queria o curso sobre Habermas era pequeno (apenas oito), mas era um grupo dedicado e muito estudioso. Tivemos debates intensos e longos, que começavam às duas da tarde e às vezes se alongava até oito ou nove da noite. Para avaliação final cada um deles me entregou um texto; como se tratava de textos de boa qualidade, propus a eles que os publicassem na forma de um dossiê na revista “Temáticas”, dos alunos de pós-graduação do IFCH. Pela política editorial da revista, no entanto, alunos que não fossem do IFCH ou que fizessem parte do comitê editorial da revista não podiam publicar seus textos nela. Por esta razão, apenas cinco dos oito textos fizeram parte do dossiê, para o qual escrevi uma pequena introdução, que foi publicado em *Temáticas*, ano 4, no. 8, 2º. Semestre de 1996, pp. 63-183.

Entreato

Em julho de 1996, deixei formalmente o departamento de sociologia, uma vez que a bolsa recém-doutor havia terminado. Durante o período de vigência da bolsa, orientei duas monografias de graduação – uma sobre a crise no mundo do trabalho e outra sobre tempo de trabalho e tecnologia; também iniciei a orientação de duas

dissertações de mestrado – uma sobre trabalho e globalização e outra sobre sindicalismo e desemprego. Como, por razões formais, eu não podia assinar como orientador, André Villalobos, que foi meu anfitrião durante o período de vigência da bolsa, assinou as duas monografias e a dissertação sobre trabalho e globalização, defendida em agosto de 1997, e da qual meu nome consta como co-orientador. A dissertação sobre sindicalismo e desemprego eu já pude assinar como orientador, pois a mesma só foi defendida em março de 1999, depois que eu havia ingressado na UNICAMP através do concurso realizado em outubro de 1997.

Quando acabou a bolsa de estudos em julho de 1996 e tive de deixar o Departamento de Sociologia, senti-me um pouco frustrado com a impossibilidade de ali continuar. Esse sentimento foi em parte contrabalançado pelo reconhecimento dos colegas, expresso numa carta do então coordenador da área de trabalho e sindicalismo do doutorado em ciências sociais, Tom Dwyer, assim como dos alunos, que encaminharam ao Departamento de Sociologia um abaixo-assinado com 74 assinaturas manifestando desaponto pelo fato de eu não ser contratado. De qualquer forma, lá estava eu de novo procurando emprego.

Entre julho de 1996, quando acabou a bolsa recém-doutor, e fevereiro de 1998, quando assumi o cargo de professor, fiquei fora da UNICAMP por dezoito meses. Nesse ínterim, trabalhei como sub-coordenador, com uma bolsa DTI-D do CNPq, durante cinco meses (outubro de 1996 a fevereiro de 1997), numa pesquisa sobre relações de emprego e qualificação no setor financeiro no Brasil, sediada pelo CEDES (Centro de Estudos de Educação e Sociedade) da Faculdade de Educação da UNICAMP e coordenada pela professora Liliana Segnini, docente da mesma Faculdade de Educação.

UNICAMP: 1998 a 2008

Docência

Assumi o cargo de professor em 20 de fevereiro de 1998. Fiz o concurso para teoria sociológica e, desde então, ministrei principalmente disciplinas teóricas. A primeira, já no primeiro semestre de 1998, foi HZ 556 - Sociologia do Conhecimento, no curso de graduação em Ciências Sociais. Para essa disciplina, que eu ia ministrar

pela primeira vez, preparei uma ementa na qual propus discutir o significado da sociologia do conhecimento e seu lugar na teoria social; ou, para ser mais preciso, o objetivo era tentar entender a relação entre sociologia do conhecimento e teoria social. Dividi o curso em duas partes; a primeira consistia numa apresentação das principais vertentes ou correntes da sociologia do conhecimento; a segunda era uma incursão na teoria social de alguns autores contemporâneos, com destaque para Michel Foucault e Jürgen Habermas, para ver como eles lidavam com a questão conhecimento em suas teorias. Achei a experiência estimulante e o resultado proveitoso.

Ainda na Graduação, ministrei disciplinas básicas do curso de Ciências Sociais, como HZ 158: Sociologia de Durkheim, por duas vezes, em 2000 e 2001; e HZ 358: Sociologia de Weber, em 2002; e também neste primeiro semestre de 2008. No segundo semestre de 2003, ministrei a disciplina eletiva HZ 651: Sociologia do Trabalho. Não era novidade para mim, pois já a havia lecionado uma vez durante o período de bolsista recém-doutor. Preparei uma ementa que privilegiava o debate contemporâneo a respeito da crise do trabalho, incluindo temas que emergiram mais recentemente como trabalho imaterial; tema este que só entrou na agenda dos debates nos anos recentes. Mas minha atividade docente, seja na graduação ou na pós, concentrou-se mais em teoria social contemporânea.

Na Graduação, ministrei ainda no segundo semestre de 1998, a disciplina HZ 657 - Sociologia Contemporânea I. Já havia ministrado esta disciplina uma vez na época de bolsista recém-doutor. Voltei a lecionar a mesma disciplina em mais três oportunidades: 1999; 2004 e 2006; ou seja, foram cinco vezes ao todo. Também lecionei em três oportunidades a disciplina HZ 757: Sociologia Contemporânea II, nos anos de 2002, 2005 e 2006. Na Pós-Graduação, eu também ministrei diversas disciplinas. Além das já mencionadas durante os três anos como bolsista recém-doutor, ministrei por três vezes a disciplina HS 050: Teoria Sociológica I, obrigatória para Mestrado em Sociologia, em 1999 e 2000; e em 2007, já com a nova sigla HS 360, resultante da reformulação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Lecionei também HS 060: Teoria Sociológica II, em 2001, e HS 260: Teoria Sociológica III, em 2003, ambas para o Mestrado em Sociologia. Em 2007, voltei a lecionar Teoria Sociológica II, para o Doutorado, com a sigla HS 460. Na Pós-Graduação, ministrei ainda as seguintes disciplinas: HS 840: Tópicos Avançados em Desenvolvimento e Pensamento Social II, para o Doutorado em Ciências Sociais, em 2001 e 2003; e HS

374: Tópicos Especiais em Teoria Sociológica e Pensamento Social II, para Mestrado e Doutorado em Sociologia, em 2005.

Afora Sociologia de Durkheim e Sociologia de Weber, todas as outras disciplinas mencionadas priorizam o debate contemporâneo; ademais, todas elas têm vocação teórica. Por isso, dá para dizer que minha atividade docente tem duas palavras-chave: *teoria* e *contemporânea*. Teoria tem aqui um sentido amplo, incluindo as abordagens mais gerais e abrangentes, mas também aquelas mais específicas, focadas numa corrente teórica, num autor ou mesmo num determinado tema. Da mesma forma que teoria, utilizo a palavra contemporânea também em sentido amplo, uma vez que desde a morte de Weber, em 1920, tudo que foi produzido depois em sociologia pode ser considerado contemporâneo. Isto fica claro nas ementas das diversas disciplinas que ministrei.

Elaborei ementas que versavam sobre as teorias mais gerais, como as de Talcott Parsons, Jürgen Habermas e Anthony Giddens; mas também organizei ementas sobre conceitos específicos, como sociedade, cidadania ou reconhecimento; ou ainda sobre correntes teóricas como teoria crítica.

No primeiro caso, por exemplo, escolhi os três citados autores porque minha intenção era abordar aquilo que Jeffrey C. Alexander denominou novo movimento teórico, ou seja, um movimento cuja ambição era superar a tradicional dicotomia entre ação e estrutura. Os três autores que escolhi tinham algumas vantagens em relação a outros eventuais concorrentes. Uma delas é que a obra de cada um deles, além de representar um esforço de síntese, tem amplitude e originalidade; a outra vantagem é a capacidade, especialmente nos casos de Habermas e Giddens, de dialogar com seus contemporâneos, abrindo portas para eu fazer incursões na obra de outros autores concorrentes.

No segundo caso, quando a ementa privilegiava um conceito, a intenção era analisar o debate em torno de um determinado tema ou conceito, sempre com base em um grupo de autores ou correntes teóricas. Assim, eu procurava investigar as diversas abordagens ou definições do mesmo, com o objetivo chegar a uma compreensão mais clara a respeito do objeto em discussão, comparando as diferentes abordagens.

Por fim, no terceiro caso, a ementa podia versar sobre uma corrente teórica como a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt ou sobre a teoria de um único autor, como é o caso, por exemplo, da teoria de Jürgen Habermas. Utilizei o mesmo procedimento tanto nas disciplinas da Graduação quanto nas da Pós-Graduação em Sociologia, sejam elas

obrigatórias ou eletivas. Algumas vezes, eu utilizava uma ementa que privilegiava uma compreensão mais ampla da história da sociologia no século XX; outras vezes, eu enfatizava um tema da agenda contemporânea, uma determinada corrente teórica ou mesmo um autor. E esta atividade docente, cabe ressaltar, está fortemente vinculada às minhas preocupações de pesquisa.

Pesquisa

Da mesma forma que a atividade docente, minhas pesquisas e reflexões durante esses anos na Unicamp pautaram-se pela preocupação em compreender a relação entre a crise social das décadas finais do século XX e as mudanças na própria teoria social. Utilizo a palavra relação aqui com o sentido de mútua influência, pois não se trata simplesmente de realçar os efeitos da crise sobre as ciências sociais ou vice-versa; mas da interação de ambas porque da mesma forma que as teorias refletem as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais, a percepção dessas mudanças ou da crise é também uma expressão das formulações pelas ciências sociais do que significa mudança ou crise social. O termo “reflexividade” utilizado por Anthony Giddens em alguns de seus trabalhos tem um sentido parecido com o que estou querendo dizer aqui; ou seja, sem querer fazer sociologia do conhecimento, eu diria que se trata de uma relação dialética entre “determinação social do conhecimento” e “construção social da realidade”. E como meu principal interesse é teoria social, especialmente as vertentes críticas, minhas reflexões estão voltadas, por um lado, para a compreensão da dinâmica interna das teorias, por seu desenvolvimento em termos da construção de modelos teóricos; e, por outro, para a dinâmica das mudanças sociais.

As pesquisas que fiz durante este período basearam-se principalmente em dois projetos de pesquisa. O primeiro projeto, que apresentei em 1993 quando postulei a bolsa recém-doutor do CNPq, que como já disse antes versava sobre a relação entre “trabalho e teoria social” e tinha nas formulações de André Gorz e Jürgen Habermas suas principais referências teóricas. O segundo projeto, que foi elaborado em 1998 depois de meu ingresso por meio de concurso na Unicamp, tratava da relação entre “cidadania e integração social”, e tinha os escritos de T. H. Marshall como ponto de partida.

Os dois projetos se complementavam e ancoravam minhas investigações sobre a relação entre os debates social-teóricos e a crise social, mencionada acima; eles

expressavam também meu interesse no diálogo entre vertentes teóricas que se originavam tanto na tradição da teoria crítica quanto na da chamada teoria tradicional. Em ambos os casos, a preocupação em articular as formulações teóricas com as mudanças sociais estava sempre presente; daí, a incorporação em minhas reflexões de novos temas e problemas decorria com naturalidade, como se deu, por exemplo, com debate sobre o tema do reconhecimento. Isto fica evidente nos diversos textos que escrevi, sejam eles para apresentar em congressos científicos, para publicar como artigos em revistas acadêmicas ou para fazer parte de coletâneas, como se pode ver no *curriculum vitae* que faz parte deste memorial. Mas isto fica claro também, pelo menos em parte, no volume ora apresentado como tese de livre-docência, e que consiste numa amostra representativa do que escrevi nos últimos anos.

Ainda em relação à atividade de pesquisa, ressalto que desde 2006 estou empenhado junto com dois outros colegas do IFCH, Fernando Antonio Lourenço e Valeriano Mendes Ferreira da Costa, em desenvolver no CESOP (Centro de Estudos de Opinião Pública) um projeto de pesquisa a respeito do Programa Bolsa Família; do mesmo projeto também fazem parte outros colegas do IE da UNICAMP e da PUC de Campinas.

Orientações

Dentre as teses, dissertações, monografias e pesquisas de iniciação científica que já orientei ou estão sob minha orientação, a grande maioria delas vincula-se em termos temáticos ou de abordagem com minhas próprias investigações. Orientei e oriento trabalhos que versam sobre a obra de um autor (Raymundo Faoro, Florestan Fernandes, Theodor Adorno, Anthony Giddens, Harry Braverman), ou sobre um determinado tema ou vertente da sociologia contemporânea (sociologia ambiental, exclusão social, trabalho, desemprego, modernidade, entre outros). Esta é a característica da maioria de minhas orientações, sejam as concluídas sejam as que ainda estão em andamento. Orientei, no total, três teses de doutorado³, doze dissertações de mestrado (sendo uma co-orientação), oito monografias de graduação (duas delas assinadas por André

³ Uma delas, ainda não defendida quando da redação deste memorial, está com defesa marcada para 17/04/2008.

Villalobos)⁴ e duas pesquisas de iniciação científica; e tenho ainda em andamento sob minha orientação, quatro pesquisas de doutorado, duas de mestrado, uma pesquisa de iniciação e outra de pós-doutoramento.

Participação em Bancas

Participei de diversas bancas de avaliação de teses de doutorado e de dissertações de mestrado, tanto na UNICAMP quanto em outras universidades, como USP, UNESP, UFSC, UFRGS e UNISINOS. Além disso, participei de diversas bancas de qualificação de mestrado e de doutorado assim como em algumas bancas de monografia de graduação, no IFCH, UNICAMP. Também tenho sido presença constante nas bancas de seleção de pós-graduação, mestrado e doutorado, assim como da seleção de pós-doutorandos, do Departamento de Sociologia.

Atividades Administrativas

As principais atividades administrativas que exerci na UNICAMP foram a de coordenador do Programa de Mestrado em Sociologia, de 01/05/ 2001 a 30/04/ 2003; e chefe do Departamento de Sociologia, de 01/08/ 2004 a 31/07/2007. Além desses dois cargos, também fui por algum tempo representante do Departamento de Sociologia junto à coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais, membro da Sub-coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e coordenador da área de Pensamento e Desenvolvimento Social do Doutorado em Ciências Sociais. Durante o período em que ocupei o cargo de chefe do Departamento de Sociologia, também fui membro da Congregação do IFCH; e durante minha gestão na coordenação do Mestrado em Sociologia, fiz parte do conselho do Doutorado em Ciências Sociais.

Atividades como assessor Ad Hoc e parecerista

Além das atividades propriamente administrativas, tenho atuado constantemente como assessor Ad Hoc e como parecerista de organismos internos à UNICAMP, como

⁴ Em minha época de bolsista recém-doutor, eu não podia assinar como orientador; por isso, o professor André Villalobos assinou os trabalhos que eu então orientei: duas monografias de graduação e uma dissertação de mestrado, sendo que nesta última meu nome aparece como co-orientador.

FAEPEX, SAE e PIBIC. Fora da UNICAMP, atuei como assessor Ad Hoc do CNPq, FAPESP, ANPOCS (concurso de teses); e também como parecerista das seguintes revistas acadêmicas: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, da ANPOCS; *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, do IUPERJ; *LUA NOVA – Revista de Cultura e Política*, do CEDEC; *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*, da UERJ; *Revista de Sociologia e Política*, da UFPR; *Revista Educação e Sociedade*, da FE, da UNICAMP. Além disso, também faço parte do conselho editorial da revista *Temáticas*, dos alunos de pós-graduação do IFCH, UNICAMP; e do conselho consultivo, da revista *REED – Revista Espaço do Diálogo e da Desconexão*, da UNESP de Araraquara.

GTs de teoria social: ANPOCS e SBS

Fui pela primeira vez a um Encontro da ANPOCS em 1994, quando apresentei uma comunicação no GT: Trabalho e Sindicalismo; em 1995, participei novamente do mesmo GT, como debatedor de uma sessão. Foi nessa época que começaram as conversas que levaram à criação de um GT de teoria social na ANPOCS. Na sessão que coordenei em 1995 no GT: Trabalho e Sindicalismo, um dos participantes da mesa que comentei era José Maurício Domingues, cuja comunicação era eminentemente teórica. Isso não devia ser incomum porque com exceção do GT de pensamento social todos os demais eram temáticos; daí, alguns GTs, como o de trabalho e sindicalismo, deixarem um espaço para a discussão de teoria. Foi então que começamos a falar sobre a necessidade de um GT de teoria na ANPOCS. Havíamos concluído o doutorado recentemente: José Maurício Domingues, na London School of Economics; Leonardo Avritzer, Myrian Sepúlveda dos Santos e eu, na New School for Social Research.⁵ Nos anos de 1994 e 1995, já tínhamos participado de outras atividades em conjunto, como o Encontro da ANPUH, que teve lugar na UNICAMP, e o Congresso da SBS, na UFRJ.

Em 1996, já sem a bolsa recém-doutor que havia acabado no meio do ano e trabalhando numa pesquisa sobre relações de trabalho no setor financeiro, não fui ao Encontro da ANPOCS daquele ano. Mas a conversa sobre a formação de um GT de teoria continuou, e incorporou novos entusiastas como Sérgio Costa, Jessé Souza, Leopoldo Waizbort e Céli Regina Jardim Pinto, entre outros; quase todos com doutorado recente. Mas além desses, a presença de sociólogos consagrados, como

⁵ A *New School for Social Research* denomina-se agora The New School University.

Gabriel Cohn e Elisa Pereira Reis, foi fundamental para que a idéia de criar um GT de teoria social vingasse. A reunião que formulou a proposta do GT de teoria social, durante o Encontro da ANPOCS de 1997, foi um sucesso; nela havia aproximadamente 130 pessoas. Octávio Ianni, um dos presentes na reunião, fez um comentário significativo, cujo teor era aproximadamente o seguinte: “faz trinta anos que no Brasil se faz muita pesquisa empírica; está na hora de também se fazer teoria”. No Encontro do ano seguinte, o GT de teoria social era então uma realidade. Leonardo Avritzer e José Maurício Domingues foram os primeiros coordenadores e principais responsáveis por sua organização e consolidação. Ficaram à frente do GT até o Encontro de 2001.

Ainda em 1998, criei, junto com meu colega Fernando Antonio Lourenço, um grupo de estudos no IFCH, UNICAMP, para discutir teoria social. Além de alguns docentes, o grupo incluía alunos de graduação e pós-graduação. Este grupo, que no auge chegou a reunir dezoito pessoas, funcionou por cerca de dois anos, durante os quais discutimos trabalhos de autores como Anthony Giddens e Norbert Elias, entre outros. Mas no final de 2000, o grupo perdeu fôlego e esvaziou-se, em parte porque muitos de seus integrantes estavam em fase de redação de suas teses ou dissertações e, em parte também, devido a seu formato. Como a atividade do grupo restringia-se à leitura e à discussão de textos de alguns teóricos contemporâneos, sem a preocupação de produzir algo de próprio, acho que seu esvaziamento era natural. Voltei a organizar outro grupo de estudos de teoria social, desta vez apenas com meus orientandos de pós-graduação; mas este é diferente do anterior porque tem como referência as pesquisas em andamento dos membros do grupo e busca pelo diálogo entre elas produzir textos que reflitam a interação entre seus participantes.

No Encontro da ANPOCS de 2001, quando Leonardo Avritzer e José Maurício Domingues deixaram a coordenação do grupo de teoria social, eu e Sérgio Costa fomos indicados como os novos coordenadores. Assim, assumimos a coordenação a partir de 2002, e nela permanecemos até 2006. Coordenei também o GT de teoria sociológica da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia), nos congressos de 2003 e de 2005; neste último dividi a coordenação com José Luiz Ratton, que também se tornou, junto com Céli Regina Jardim Pinto, um dos atuais coordenadores do grupo de teoria social da ANPOCS a partir de 2007.⁶ Mas a primeira vez que apresentei trabalho neste GT de teoria social da ANPOCS foi em 1999; o trabalho discutia a relação entre “Cidadania e

⁶ Atualmente o Grupo de Teoria é coordenado por Frédéric Vandenberghe (IESP-UERJ) e Cinthia Hamlin (UFPE).

Reconhecimento” e se tornou um capítulo do livro *Teoria Social e Modernidade no Brasil*, organizado por Leonardo Avritzer e José Maurício Domingues, e publicado em 2000 pela editora da UFMG. Desde então participo constantemente das atividades do grupo, além de incentivar a inserção nele de muitos dos meus orientandos de pós-graduação.

Nestes dez anos de atividade, mesmo a despeito da saída de alguns dos membros do grupo inicial para formar novos grupos ou participar de outros já existentes, o GT de teoria social da ANPOCS se tornou uma referência importante para o debate sobre teoria social no Brasil. Num texto que escrevi em 2007 para *Theory*, a *newsletter* do comitê de pesquisa em teoria sociológica da ISA (International Sociological Association), eu faço um pequeno balanço das atividades deste grupo e de sua conexão com o GT de teoria sociológica da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia).⁷

Foi em conexão com as atividades deste grupo de teoria social, que participei como um dos coordenadores do intercâmbio de cooperação acadêmica Brasil-Alemanha, intitulado “From world modernity to multiple modernities: Social theory in the context of global transformation”. Com base nesta proposta de cooperação acadêmica, realizamos dois seminários internacionais, em 2004 e 2005. O convênio, que foi financiado por DFG (pelo lado alemão) e Capes (pelo lado brasileiro), envolvia duas universidades alemãs, Universidade Livre de Berlim e Universidade de Göttingen, e duas brasileiras, IUPERJ e UNICAMP. Os quatro coordenadores, representando as quatro universidades acima, eram, respectivamente, Sérgio Costa (FU-Berlin) e Wolfgang Knöbl (Göttingen Universität), pelo lado alemão; e José Maurício Domingues (IUPERJ) e Josué Pereira da Silva (UNICAMP), pelo lado brasileiro. O primeiro seminário foi realizado no Lateinamerika-Institut da Universidade Livre de Berlim, entre 28 e 30 de abril de 2004; o segundo foi realizado no IUPERJ, entre 5 e 7 de maio de 2005. Os dois seminários constituíram-se numa estimulante experiência de diálogo intelectual entre pesquisadores dos dois países. O livro *The Plurality of Modernity: Decentring Sociology*, publicado na Alemanha em 2006, contém uma parte dos textos que foram apresentados nos dois seminários.⁸

⁷ Silva, Josué Pereira da, “Social Theory in Brazil: A preliminary Balance of the Experience of a Social Theory Group”, *Theory*, International Sociological Association, Spring/Summer 2007, pp.4-7. Apresentei, no Encontro da ANPOCS de 2008, no mesmo GT de teoria, uma versão ampliada, em português, desse mesmo texto, com título “Teoria Social no Brasil: balanço preliminar de uma experiência recente”.

⁸ Ver Sérgio Costa, J. Mauricio Domingues, Wolfgang Knöbl, Josué P. Silva (Eds.), *The Plurality of Modernity: Decentring Sociology*, München, 2006, 232p.

A coleção “Crítica Contemporânea”

Em 2002, depois de publicar meu livro *André Gorz: Trabalho e Política*,⁹ fui convidado pelos editores da Annablume para dirigir uma coleção de livros naquela editora. Formulei então uma proposta de coleção voltada para a publicação de livros que priorizassem o debate contemporâneo e tivessem perfil teórico e crítico, mas sem se prender a nenhuma ortodoxia ou corrente de pensamento em particular. A coleção iniciou-se no mesmo ano com uma coletânea, que eu organizei junto com Myrian Sepúlveda dos Santos, da UERJ, e Iram Jácome Rodrigues, da USP. A coletânea iniciava a coleção e por isso tinha o mesmo título desta última. Até agora a coleção “Crítica Contemporânea” conta com doze volumes já publicados; três deles são coletâneas e nove são livros de um único autor, incluindo três livros de André Gorz.¹⁰ Enfim, a coleção reflete meu interesse no debate contemporâneo em teoria social e sociologia; e, neste sentido, vincula-se às minhas outras atividades acadêmicas.

Conclusão

Por fim, gostaria apenas de ressaltar que, durante o período tratado neste memorial, produzi vários textos sobre diversos temas, com destaque para os três que dão título ao volume apresentado para este concurso de livre-docência: trabalho, cidadania e reconhecimento. Além destes três temas, sobre os quais produzi outros textos não incluídos no citado volume, escrevi também sobre outros temas como teoria crítica, integração social, tempo de trabalho, renda básica e desigualdade social, conforme se pode ver no *curriculum* anexado. De alguma maneira, todos os textos publicados ou não são norteados por meu interesse na inteligência da sociedade contemporânea a partir de uma perspectiva teórica crítica. Mas isto eu espero ter deixado claro no volume apresentado como tese de livre-docência.

⁹ Publicado pela Annablume, com apoio da Fapesp.

¹⁰ A tradução e publicação dos últimos livros de Gorz no Brasil é fruto do contato que mantive com ele depois da tese de doutorado que escrevi sobre a obra dele; resulta também de uma amizade que começou quando o visitei em 2004, o que me permitiu intermediar a tradução e publicação de seus escritos mais recentes no Brasil, inclusive o livro *Carta a D. História de um amor*, para cuja tradução brasileira escrevi um pequeno pós-fácio.

Adendo: período posterior à livre-docência (2008-2011).

Docência

Professor Associado no Departamento de Sociologia, IFCH, UNICAMP, desde junho de 2008. Durante o primeiro semestre de 2008 quando fiz a livre-docência, eu ministrei a disciplina HZ 358B: Sociologia de Weber, no período noturno. Nos semestres subsequentes até o momento, ministrei mais sete disciplinas, além de algumas siglas de leituras e estudos dirigidos e de monografia em ciências sociais. Das sete disciplinas, quatro foram na graduação e três na pós-graduação. As quatro disciplinas da graduação foram as seguintes: HZ 456: Estrutura e Estratificação Social, duas vezes – segundo semestre de 2008, período diurno, e segundo semestre de 2009, período noturno; HZ 657: Sociologia Contemporânea I, no segundo semestre de 2011, período noturno; HZ 757: Sociologia Contemporânea II, no primeiro semestre de 2010, período noturno. As três disciplinas que ministrei na pós-graduação foram SO 101: Teoria Sociológica I e SO 161: Teoria Sociológica II, ministradas em conjunto, respectivamente, para mestrado e doutorado, no primeiro semestre de 2011; SO 119A: Tópicos Especiais em Teoria Sociológica e Pensamento Social I, para mestrado e doutorado, no primeiro semestre de 2009; SO 120: Tópicos Especiais em Teoria Sociológica e Pensamento Social II, também para mestrado e doutorado, no segundo semestre de 2010.

Dessas disciplinas, todas teóricas, vale lembrar que foram quatro obrigatórias e uma eletiva na graduação; uma obrigatória e duas eletivas na pós-graduação. Além disso, fora a disciplina sobre Max Weber, todas as outras enfatizam o debate contemporâneo, sem perder de vista a necessária referência aos autores clássicos. Por outro lado, cabe mencionar que muitos dos temas e autores tratados estão em grande medida relacionados tanto com meus projetos de pesquisa quanto com as pesquisas dos alunos que oriento, na graduação e na pós-graduação. Além daqueles já mencionados nas páginas anteriores, outros autores passaram a freqüentar mais assiduamente as bibliografias das disciplinas que ministrei e também dos textos que escrevo, dentre os quais destaco Axel Honneth, Nancy Fraser, Charles Taylor, Michael Walzer, Alain

Caillé, Jacques Godbout, Boaventura de Sousa Santos, Paul Gilroy, Eric Olin Wright, Claus Offe, André Gorz, Gay Standing, Philippe Van Parijs e Robert Van der Veen, além de diversos autores brasileiros contemporâneos. Os temas e os autores que freqüentaram e freqüentam a bibliografia dessas disciplinas têm como fio condutor a preocupação com as iniquidades que afetam as sociedades contemporâneas e a necessidade de eliminá-las ou pelo menos reduzi-las. Por isso, a escolha dos autores e dos temas estudados revela meu interesse em abordagens críticas, como se pode ver nos programas e bibliografias das mencionadas disciplinas que ministrei.

Pesquisa

Assim como minha atividade docente, minhas pesquisas nesse período refletem o mesmo interesse por abordagens críticas da sociologia e das ciências sociais, sejam elas reflexões teóricas mais abstratas ou trabalhos que combinam de forma criativa pesquisa empírica com reflexão teórica. Meus dois projetos de pesquisa individuais, “Cidadania e Integração Social – segunda fase” e “Teoria Crítica e Justiça Social”, estão ambos afinados com esse conjunto de preocupações. O mesmo pode ser dito em relação ao grupo de pesquisa “Teoria Crítica e Sociologia”, criado no início de 2011, do qual faço parte. Devo acrescentar que também estou formalmente ligado, desde 2006, ao CESOP (Centro de Estudos de Opinião Pública), que também é um grupo de pesquisa.

Orientações

Desde a conclusão de minha livre-docência em junho de 2008, foram concluídas sob minha orientação ou supervisão quatro dissertações de mestrado, três teses de doutorado, uma pesquisa de pós-doutorado, uma de iniciação científica e uma monografia de graduação. Além disso, tenho em andamento sob minha orientação três pesquisas de doutorado, duas de mestrado e uma monografia de graduação, esta última com defesa prevista para início de dezembro de 2011.

Participação em Bancas

No período posterior à minha livre-docência, participei de dezoito bancas examinadoras, dentro e fora da UNICAMP: foram seis bancas de tese de doutorado, dez

bancas de mestrado, duas de trabalho de conclusão de curso. Participei também de dezoito bancas de qualificação, sendo quatro de doutorado e quatorze de mestrado, todas na UNICAMP. Além disso, participei de três bancas de concursos públicos para professor, uma na UNICAMP, uma na UNESP – Araraquara e uma no IESP-UERJ. Some-se a isto minha participação nas bancas anuais de seleção de candidatos à pós-graduação em sociologia do IFCH, mestrado e doutorado; participei também no mesmo período de duas bancas de seleção de candidatos a pós-doutoramento em sociologia e em uma de candidatos à bolsa PED A.

Atividades administrativas ou de representação

Desde outubro de 2010, participo da subcomissão de pós-graduação em sociologia; também desde outubro de 2010, sou representante docente MS-5, eleito, da Congregação, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

Atividades como assessor Ad Hoc, parecerista e membro de conselhos editoriais

Atuei, durante os últimos quatro anos, como assessor Ad Hoc do FAEPEX - Fundo de Apoio ao Ensino e a Pesquisa (UNICAMP), e da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Também atuei como parecerista para as seguintes revistas acadêmicas: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, da ANPOCS; *DADOS*, do IUPERJ, RJ; *Sociologias*, da UFRGS; *Interseções*, da UERJ; *Ciências Sociais Unisinos*, da Unisinos; *Sociedade & Estado*, da UnB; *Sociologia e Antropologia*, da UFRJ. Além disso, sou membro do conselho editorial das seguintes revistas: *Temáticas*, dos estudantes de pós-graduação do IFCH, UNICAMP; *REED – Revista Espaço do Diálogo e da Desconexão*, da UNESP de Araraquara; *Interseções*, da UERJ; *Crítica e Sociedade*, da UFU, MG.

Coleção “Crítica Contemporânea”

A coleção que dirijo, desde 2002, na editora Annablume, de São Paulo, publicou seis livros entre outubro de 2008 e outubro de 2011, somando até agora um total de 18 livros; a coleção tem mais dois outros livros previstos para serem publicados em 2012.

Publicações

Minhas publicações, desde junho de 2008, são seguintes: um livro integral, intitulado “Trabalho, Cidadania e Reconhecimento”, em fins 2008, resultado de minha livre-docência. Publiquei uma segunda edição, revista e ampliada, de meu livro “André Gorz: trabalho e política”, em 2011; e uma segunda edição corrigida, em 2009, do livro “Os filhos de Dona Silva”, do qual sou organizador e um dos autores; e mais três capítulos de livros, todos em segunda edição. Publiquei também cinco artigos completos em periódicos, sendo um deles em co-autoria; e tenho outro artigo no prelo, já aprovado para publicação em 2011. Além disso, publiquei ainda no mesmo período outros doze textos: dois prefácios, um posfácio, duas resenhas, um verbete (em inglês), três entrevistas e três orelhas ou quarta-capa de livros. Publiquei quatro trabalhos completos em anais de congressos, sendo dois internacionais e dois nacionais, e mais dois resumos em anais de congressos nacionais. Ademais, fui co-organizador de um dossiê para a revista *Tempo Social*, da USP, em 2009.

Participação em Congressos e Encontros Científicos

Tive, no período, dez participações em eventos científicos, apresentando comunicações em grupos de trabalho e em mesas redondas, dando palestras e atuando como debatedor e organizador. Foram cinco participações apresentando trabalho escrito, três apresentações apenas orais, uma participação na condição de organizador e debatedor, e uma como debatedor.

Conclusão

Por fim, o conjunto de minhas atividades, no período de junho de 2008 a novembro de 2011, conforme as relacionei acima e também no curriculum anexo, que ajuda a compor este memorial, justifica plenamente, quantitativa e qualitativamente, a demanda, que ora encaminho, de promoção para MS-5.3 – Professor Associado III.

Campinas, 30 de novembro de 2011

Josué Pereira da Silva